

Os Cotidiáfonos na Educação Infantil

Comunicação

Alysson Siqueira
Centro Universitário Internacional UNINTER
alysson.s@uninter.com

Resumo: Esta pesquisa visa fundamentar o trabalho dos educadores musicais, propondo o uso de cotidiáfonos, objetos do cotidiano adaptados para produzir sons, como ferramenta pedagógica para ensinar essas qualidades do som a crianças de 4 a 5 anos e 11 meses. A escolha dos cotidiáfonos baseia-se em práticas pedagógicas já adotadas pelo autor em diversos contextos de ensino musical. A pesquisa busca responder como esses objetos podem ser utilizados para ensinar as qualidades do som, apoiando-se em referências teóricas de Judith Akoschky, criadora do conceito de cotidiáfonos, e outras educadoras musicais renomadas. O objetivo geral é investigar propostas pedagógicas que envolvam o uso de cotidiáfonos no ensino das qualidades do som, proporcionando uma experiência de aprendizado rica, criativa e alinhada aos objetivos da BNCC.

Palavras-chave: cotidiáfonos, pedagogia musical, educação musical infantil.

Introdução

A lei 11.769 de 2008 torna a música conteúdo obrigatório na Educação Básica dentro da disciplina de Artes. Em 2016, a Lei 13.278 define que o componente curricular Arte deve contemplar quatro linguagens artísticas: artes visuais, dança, música e teatro. Dois anos depois, A Base Nacional Comum Curricular especificou objetivos para o aprendizado desses conteúdos, dentre os quais, tratando-se de música e de crianças em idade pré-escolar, destacamos: desenvolver as noções das qualidades do som: altura, intensidade, duração e timbre (Brasil, 2018).

A definição dos objetivos foi fundamental, mas encontrar maneiras de atingi-los é um passo adiante que deve ser dado pelos professores. Nesse sentido, esta pesquisa assume o papel de fundamentar o trabalho do educador musical em um aspecto bem específico, ou seja, a utilização de cotidiáfonos no ensino das qualidades do som para crianças de 4 anos a 5 anos e 11 meses de idade, considerando-a como um meio para as finalidades previstas na BNCC.

Pode-se compreender os codifiáfonos como objetos do cotidiano, projetados para diferentes funções, que, por alguma razão, passam a ser utilizados para produzir sons com o objetivo de fazer música (Akoschky, 2001).

A escolha dos cotidiáfonos tem relação direta com práticas pedagógicas já adotadas pelo autor em sua atuação em cursos práticos de música, ministrados ao longo de diversos anos de ensino da música em contextos diferentes da educação formal, e na docência superior em curso de Licenciatura em Música.

A questão que norteia esta pesquisa é como utilizar os cotidiáfonos para ensinar a qualidades do som (altura, intensidade, duração e timbre) para crianças de 4 anos a 5 anos e 11 meses na escola? E para respondê-la, buscar-se-á apoio na própria autora do conceito de “cotidiáfonos”, a professora argentina Judith Akoschky, além de conceituadas educadoras musicais, como Tereza Mateiro, Beatriz Ilari e Bernate Zagonel.

O objetivo geral dessa pesquisa é investigar propostas pedagógicas que envolvam o ensino das qualidades do som com a utilização de cotidiáfonos para crianças em idade pré-escolar. Para alcançar essa meta, outros objetivos específicos se interpõem, como: fundamentar a utilização de cotidiáfonos para o ensino das qualidades do som com base em pedagogias em educação musical respaldadas; e relacionar a teoria à práticas pedagógicas já aplicadas e vivenciadas.

Para atingir esses objetivos, a pesquisa conta com um delineamento metodológico traçado a partir da pesquisa qualitativa, com natureza exploratória, considerando seu potencial de proporcionar “maior familiaridade como problema” (Gil, 2002, p.41), relacionado à utilização de cotidiáfonos no ensino das qualidades sonoras para crianças de 4 anos a 5 anos e 11 meses.

O método de coleta de dados é essencialmente bibliográfico, utilizando como fontes a bibliografia sobre educação musical, a referência Akoschky (2001) para tratar de cotidiáfonos, além da legislação brasileira que trata sobre educação básica. Pequenos relatos de experiência também farão parte da metodologia no sentido de relacionar teoria e prática.

Revisão de Bibliografia

O ensino da música está presente na educação brasileira desde a chegada da Companhia de Jesus ao Brasil, em meados do século XVI. Desde então, a música alternou momentos de protagonismo na legislação educacional e momentos de instrumentalização, como na educação jesuíta que utilizava música para catequizar os povos nativos, ou no governo de Getúlio Vargas que entendia a música como um instrumento para exercitar a disciplina e disseminar o patriotismo (Castro; Siqueira, 2021).

O ano de 2008 é o marco mais recente na história da educação musical brasileira, com a aprovação da Lei 11.769. A nova lei determinou que o ensino de música fosse obrigatório, mas não exclusivo, da disciplina de arte nos diversos níveis da educação básica. Em 2016, a Lei 13.278 determina com mais clareza os conteúdos desse componente curricular, definindo artes visuais, dança, música e teatro como as quatro linguagens a serem trabalhadas pela disciplina. Os objetivos desses conteúdos só foram detalhados dois anos mais tarde com a publicação da BNCC.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular, a BNCC, a Educação Infantil é, na maioria das vezes, a “primeira separação das crianças dos seus vínculos afetivos familiares para se incorporarem a uma situação de socialização estruturada” (Brasil, 2018, p. 36). Por essa razão, esta etapa da Educação Básica tem por objetivo articular as vivências das crianças com as propostas pedagógicas, promovendo assim a ampliação de seu “universo de experiências” (Brasil, 2018, p. 36). Sendo assim, a BNCC propõe o trabalho de acordo com cinco campos de experiência, dos quais “Traços, sons, cores e formas” é o mais diretamente ligado às vivências musicais.

Os objetivos de aprendizagem são definidos de acordo com três faixas etárias, e como delimitação da pesquisa aqui proposta, será abordado apenas a faixa dos 4 anos aos 5 anos e 11 meses de idade, definida também como pré-escola (Brasil, 2018). Para essa faixa, a BNCC propõe os seguintes objetivos relacionados à música: “utilizar sons produzidos por materiais, objetos e instrumentos musicais durante brincadeiras de faz de conta, encenações, criações musicais, festas” e “reconhecer as qualidades do som (intensidade, duração, altura e timbre), utilizando-as em suas produções sonoras e ao ouvir músicas e sons” (Brasil, 2018, p.48).

Os objetivos podem ser trabalhados separadamente, porém, existem diversas maneiras de entrelaçá-los. Uma das possibilidades é utilizar objetos sonoros do cotidiano em atividades que promovam o reconhecimento das qualidades do som.

Para compreender como se dá a percepção de mundo de indivíduos da faixa etária da pré-escola, recorreremos à Epistemologia Genética de Piaget. O teórico divide o desenvolvimento da criança em quatro períodos distintos: o sensório motor, dos 0 aos 2 anos; o pré-operatório, dos 2 aos 7 anos; o operatório concreto, dos 7 aos 11 ou 12 anos; e o operatório formal, dos 11 ou 12 anos em diante (Silva; Mocelin, 2019). Ainda, o período pré-operatório é subdividido em duas fases: o pensamento pré-conceitual e pensamento intuitivo (idem).

É na fase do pensamento intuitivo do período pré-operatório que as crianças da pré-escola estão inseridas. Isso significa dizer que elas adentram em uma fase em que se observa “uma coordenação gradual das relações representativas” (Silva; Mocelin, 2019, p. 62), o que significa dizer que cada vez mais conceitos são apreendidos, levando a possibilidades cada vez mais complexas de desenvolvimento das linguagens. Embora se verifique tal desenvolvimento, o pensamento ainda é intuitivo, ou seja, as conclusões dos indivíduos são baseadas ainda na intuição e não na razão. Por esse motivo, nessa faixa etária, é preciso proporcionar à criança a experiência, a sensação que vai despertar a intuição que, por sua vez, irá se relacionar aos novos conceitos que está absorvendo. Assim, a prática musical é imprescindível para o aprendizado de conceitos sonoros como intensidade, duração, altura e timbre, como preconiza a BNCC. Para essas práticas, pode-se investir em instrumentos musicais elaborados e de alto custo, ou buscar soluções com criatividade, utilizando materiais disponíveis em nosso dia a dia, para que as crianças se desenvolvam musicalmente.

O termo “cotidiáfonos” (Akoschky, 2001) designa objetos do cotidiano quando são utilizados com a finalidade de produzir sons musicais. Essa é uma prática de longa data, considerando o exemplo do cajón, que surgiu da utilização de caixas de madeira por escravos africanos na América do Sul na ausência de seus tambores. As caixas de fósforos como chocalhos e a faca de serra raspando pratos como se fosse um reco-reco também são cotidiáfonos tradicionais das rodas de samba. Na educação infantil, Akoschky (2001) defende que a utilização de cotidiáfonos promove o desenvolvimento e o refinamento auditivo, servindo como ponte entre ação e noção.

Atividades para o ensino de música podem ter diferentes enfoques. De acordo com o Keith Swanwick podemos dividi-las em composição, execução, apreciação, literatura e técnica (Zagonel, 2011). Cotiáfonos podem ser utilizados em todas esses níveis, sobretudo nos três primeiros, considerando uma apreciação musical ativa, como proposta por Wuytack e Palheiros (1995).

A proposta de exploração sonora trazida por John Paynter também se aplica ao trabalho com cotidiáfonos. Dentre as práticas recomendadas por esse educador musical, destaca-se:

Explorar sons de madeira, tocar esses sons em conjunto, separadamente, realizando um diálogo musical, três sons juntos que participem de um diálogo musical etc.; um grupo de cinco estudantes improvisa com esses sons; compor peças de estilos diferentes utilizando sons de madeira encontrados; criar notação para essa peça; construir instrumentos musicais novos e criar peças musicais para eles, utilizando-os individualmente ou em grupo (Mateiro, 2011, p. 263).

Além da exploração sonora proposta por Paynter, a construção de instrumentos também é recomendada, ampliando assim a utilização de objetos do cotidiano em propostas pedagógicas para o ensino da música. Além disso, Paynter, que tem grande parte de sua obra publicada antes dos anos 2000, produziu um grande acervo de propostas pedagógicas que podem ser adaptadas ao conceito mais recente de cotidiáfonos – fato que o torna fundamental para esta pesquisa.

Com todo esse arcabouço teórico para fundamentar as práticas de ensino da música, vejamos a seguir algumas atividades que podem ser desenvolvidas com cotidiáfonos para as crianças da pré-escola, levando em conta os objetivos listados na BNCC.

Aprendendo música com cotidiáfonos

Aprender música precisa transcender os limites de aprender a cantar algumas canções na escola. Cantar é apenas um dos desdobramentos da organização dos sons por meio da voz. Por isso, aprender sobre o som é importante no processo de musicalização. Os relatores da BNCC, sabendo disso, colocaram o aprendizado das qualidades sonoras como objetivo para a pré-escola.

A utilização de sons produzidos por materiais presentes no cotidiano dos alunos pode representar um recurso relevante para o ensino de música, além de proporcionar um aprendizado lúdico para os alunos. Conforme Akoschky (2005), essa prática pode estimular respostas criativas dos estudantes no contexto das atividades musicais. O uso desses objetos comuns permite ao professor oferecer uma experiência rica de exploração sonora, ao mesmo tempo em que possibilita a abordagem de diversos conteúdos musicais em sala de aula, como intensidade, altura, duração e timbre¹. A seguir, descreveremos uma atividade para trabalhar cada um desses quatro conceitos elencados na BNCC.

Aprendendo sobre intensidade com cotidiáfonos

Do ponto de vista da Acústica, ramo da Física que estuda o som, a intensidade é a propriedade que está relacionada com a amplitude de uma onda sonora, e que nos faz perceber se o som é mais forte ou mais fraco (Siqueira, 2020).

Akoschky (2005) entende que a exploração sonora deve incluir atividades nas quais as crianças possam experimentar e perceber diferentes intensidades sonoras produzidas por materiais variados. Isso pode ocorrer através da manipulação de objetos que geram sons suaves ou altos, permitindo que as crianças reconheçam as diferenças de intensidade.

Sendo assim, se faz necessário a seleção de objetos que possibilitem a produção de sons fortes e fracos bastante distintos um do outro, como uma panela percutida por uma colher. Essa variação de intensidade pode ser obtida por dosagem da velocidade do golpe, e para uma distinção mais precisa entre os sons, o golpe pode ser dado ora por uma colher de metal, ora por outra de um plástico sensível.

¹ No link a seguir, podemos ver a própria Judith Akoschky em ação, ensinando música a partir dos cotidiáfonos: <https://www.youtube.com/watch?v=dFIUiVnfdEI&t=240s>

A atividade pode se transformar em um jogo em que o aluno precisa percutir a panela com a baqueta correta ao comando de “forte” ou “fraco” do professor.

Aprendendo sobre altura com cotidiáfonos

Sabe-se que altura é uma propriedade relacionada à frequência de uma onda sonora e nos permite perceber se um som é mais grave ou mais agudo (Siqueira, 2020).

Para trabalhar essa propriedade sonora, é necessário selecionar objetos que possibilitem a produção de sons com alturas bem distintas, como uma garrafa de vidro com diferentes níveis de água e um tubo de PVC. A variação de altura pode ser obtida pela alteração da frequência gerada ao soprar ou percutir os objetos. Para uma distinção mais clara entre os sons, pode-se utilizar garrafas de diferentes formatos e tamanhos, que naturalmente produzirão sons mais graves ou mais agudos. De acordo com Akoschky (2005), ao manipular diferentes materiais, as crianças podem perceber como a forma e o tamanho dos objetos influenciam a altura do som produzido.

Os educandos podem explorar a altura sonora utilizando garrafas de vidro com diferentes níveis de água. Ao percutir cada garrafa com uma colher de metal, observarão como a quantidade de água altera a altura do som produzido.

Aprendendo sobre duração com cotidiáfonos

A duração é a propriedade que está relacionada com o tempo de uma onda sonora se sustenta, e que nos faz perceber se o som é mais longo ou mais curto.

Para experimentar essa propriedade do som em sala de aula, é preciso objetos que possibilitem a produção de sons longos e curtos distintos um do outro, como um pedaço de plástico esticado e assoprado como um apito e um objeto do cotidiano com pouca ressonância percutido.

A atividade, nesse caso, pode envolver a criação de uma sequência sonora em que o aluno precisa alternar entre sons longos e curtos, seguindo uma partitura simples ou as instruções do professor.

Ao trabalhar com durações, as crianças começam a perceber padrões rítmicos e como a duração dos sons influencia a construção musical (Akoschky, 2005).

Aprendendo sobre timbre com cotidiáfonos

O timbre é a propriedade que nos permite distinguir sons de mesma altura e intensidade, mas produzidos por diferentes fontes sonoras.

Sendo assim, se faz necessário a seleção de objetos que possibilitem a produção de sons com timbres distintos, como uma garrafa de vidro e uma de plástico percutidas por uma colher. Essa variação de timbre pode ser obtida pela diferença nos materiais dos objetos, e para uma distinção mais precisa entre os sons, a garrafa de vidro pode ser comparada com a de plástico ao serem percutidas com a mesma colher.

A atividade pode se transformar em um jogo em que o aluno precisa identificar qual é o material percutido pelo professor sem que possa vê-lo.

Akoschky (2005) sugere que as crianças pratiquem a identificação de sons em sua vida cotidiana, como os sons de pássaros, máquinas e outros ruídos. Isso amplia sua percepção auditiva e ajuda a reconhecer a diversidade sonora ao seu redor.

Considerações Finais

A pesquisa apresentada destaca a importância de integrar a música na educação básica, conforme estabelecido pela Lei 11.769 de 2008 e reforçado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A utilização de cotidiáfonos como ferramenta pedagógica para ensinar as qualidades do som (altura, intensidade, duração e timbre) a crianças em idade pré-escolar se mostra uma abordagem inovadora e eficaz.

Ao explorar o potencial dos cotidiáfonos, objetos do cotidiano adaptados para a produção de sons, os educadores podem proporcionar uma experiência de aprendizado rica utilizando instrumentos ao acesso de todos. A prática pedagógica descrita não só facilita a compreensão das propriedades do som, mas também estimula a criatividade e a curiosidade das crianças.

A pesquisa também ressalta a necessidade de apoio teórico e metodológico, buscando referências em educadores musicais renomados e na própria criadora do conceito de cotidiáfonos, Judith Akoschky. Dessa forma, oferece um embasamento sólido para que os professores possam implementar essas práticas de maneira eficaz e significativa.

Os passos futuros apontam para o desenvolvimento de uma maior variedade de atividades baseadas na utilização dos cotidiáfonos como ferramentas pedagógicas.

Referências

AKOSCHKY, Judith. **Cotidiáfonos**: instrumentos sonoros realizados com objetos cotidianos. Buenos Aires: Ricordi, 2001

AKOSCHKY, Judith. Los "cotidiáfonos" en la educación infantil. In: **Revista Eufonia** [versão eletrônica], 2005. Disponível em: <https://www.um.es/desarrollopsicomotor/wq/2010/wqvicentemay2010/material/Ref03.pdf>. Acesso em: 08 out. de 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CASTRO, Marco Aurélio Alves de; SIQUEIRA, Alysson. **O ensino da música no Brasil colonial e suas heranças**. In Caderno Intersaberes, v. 10, n. 24: Práticas culturais e corporais em debate. Curitiba: Centro Universitário Internacional Uninter, 2021.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MATEIRO, T.; ILARI, B. (Org.). **Pedagogias em educação musical**. Curitiba: Ibpex, 2011.

SILVA, Wilson da; MOCELIN, Márcia Regina. **Epistemologia Genética**. 1. Ed. Curitiba: Intersaberes, 2019.

SIQUEIRA, Alysson. **Leitura e Escrita Musical**. 1. Ed. Curitiba: Intersaberes, 2020.

WUYTACK, Jos; PALHEIROS, Graça Boal. **Audição musical activa**: livro do professor e livro do aluno. Porto: Associação Wuytack de Pedagogia Musical, 1995.

ZAGONEL, Bernadete (org). **Metodologia do ensino de arte**. 1. ed. Curitiba: Ibpex, 2011.